

UM MONGE MEDIEVAL OU UM GÊNIO RENASCENTISTA? PRÁTICAS E IMAGENS DE UM DESBRAVADOR DO RÁDIO NA AMAZÔNIA¹

Érito Vânio Bastos de Oliveira²

Resumo:

Este artigo se propõe investigar a trajetória de um dos principais desbravadores do rádio na Amazônia, o advogado e radioamador Roberto Camelier, principal responsável pela fundação da primeira emissora de rádio da Amazônia, a Rádio Clube do Pará, em 1928, na cidade de Belém. Aspectos múltiplos foram buscados nessa trajetória como suas experimentações, a literatura que consumia sobre broadcasting da Europa, as imagens e representações que a imprensa paraense constelava e divulgava sobre sua personalidade e trabalho realizado na radiofonia paraense.

Abstract:

This article aims to investigate the trajectory of one of the main pioneers of radio in the Amazon, the lawyer and amateur Roberto Camelier, responsible for founding the first radio station in the Amazon, Radio Clube do Pará, in 1928, in the town of Bethlehem multiple aspects were pursued this path as their trials, the literature that consumed about broadcasting in Europe, images and representations that the press and publicized Para constellated about your personality and work in radio Para.

Quando o paraense Roberto Camelier participou do coquetel na casa do Largo da Trindade, no dia 22 de abril de 1928, reunindo-se com importantes nomes da sociedade local e celebrando com um grupo ou “equipe” de companheiros, o intento estava claro: o que estava em jogo na etiqueta e na trama social daquele dia tinha o seu motivo. Tratava-se da comemoração de um triunfo, da inauguração de um evento, enfim, estamos falando do início da mídia radiodifusora na Amazônia e, aquele Camelier, “um gorducho simpático” que tinha acabado de

passar dos seus trinta anos e advogava na capital paraense tinha uma história, um talento, um caminho que o levaria àquele dia, àquela reunião e coquetel. De acordo com as autoras Ruth Vieira e Fátima Gonçalves, Roberto Camelier como bacharel em Direito, atuou como “delegado no Rio de Janeiro e Juiz no interior do Pará”, organizando a partir dos anos 30, um escritório de advocacia no centro comercial da capital paraense. (VIEIRA; GONÇALVES, 2003, p. 36) Logo, e pode parecer estranho à primeira vista, muito do que entendemos como a gênese ou advento do rádio na Amazônia esteve ligado diretamente às práticas, decisões, escolhas, liderança e respeitabilidade desse advogado de formação e profissão.

Contudo, uma questão se apresenta: como um advogado se interessou por assuntos de rádio numa cidade como a Belém dos anos 20, onde os únicos meios de comunicação que desempenhavam papel social importante eram o telégrafo e o telefone, sem esquecer a imprensa? O que explicaria o transito entre a sua prática de advocacia e o seu futuro interesse por radiofonia? Segundo Vieira e Gonçalves, Roberto Camelier era “apaixonado por eletrônica”, possuindo um *hobby*, uma paixão por assuntos dessa natureza. Na verdade, ele estava longe de ser um caso excepcional entre os amadores e pioneiros da radiodifusão no Brasil e mesmo em outras partes do mundo. No nordeste, por exemplo, ainda na década de 10 do século XX, podiam ser observados “os amadores de então, da comunicação à distância, verdadeira paixão mantida por pernambucanos como um ‘hobby’, nasce o pioneirismo de Pernambuco em termos de rádio” (CÂMARA, 1998, p. 17). No entanto, importante que se frise, tal paixão pela comunicação a distância, por aparelhos de transmissão podia, em alguns casos, como a de Roberto Camelier ser alimentada quando “consumia toda a literatura sobre o assunto que chegava da Europa.” Assim, interessado em assuntos de eletrônica e broadcasting, acompanhando as novidades tecnológicas e atualizando-se em conhecimentos técnicos, o jovem advogado alimentava uma paixão pessoal pelos conhecimentos que eram, na Europa e nos Estados Unidos o suporte tecnológico do que se começava a chamar de radiodifusão (ALBERT; TUDESQ, 1982, p.8).

Antes disso, ele já conhecia, de algum tempo, o que era radiotelegrafia ou telegrafia sem fios, partilhava conhecimentos e comungava experiências com outros radioamadores de Belém na década de 20. Segundo Vieira e Gonçalves, Roberto Camelier, antes de fundar a Rádio Clube do Pará e montar a sua estação transmissora, realizava demonstrações práticas do conhecimento adquirido sobre o assunto: “Com seus conhecimentos técnicos construiu,

¹ Artigo que é parte da minha dissertação de mestrado em história. Artigo que é parte da minha dissertação de mestrado em história.

² Mestre em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará.

junto com alguns radioamadores, um transmissor de 120 watts, mas as transmissões só alcançaram o centro da cidade” (2003, p.36). O conhecimento prático como maneira de subsidiar o aperfeiçoamento técnico em assuntos ligados à eletrônica, à radiotelegrafia e à tecnologia em radiodifusão sempre foi muito valorizado por Camelier. No primeiro dia do ano de 1927, ele divulgou numa mescla de felicitações pelo novo ano e propaganda aos leitores do jornal *A Folha do Norte*, a sua “Oficina Camelier” que “cumprimenta todos os seus estimados amigos e fregueses, desejando-lhes muitas prosperidades no ano novo”³. Essa faceta do seu engenho humano também foi, em vários momentos, lembrada e aludida nas décadas seguintes pela imprensa quando desejavam se referir sobre a relação envolvendo o rádio e Roberto Camelier. Exemplificando melhor, algumas charges publicadas em alguns periódicos da capital paraense enfocavam esse conhecimento prático e técnico atribuído a Roberto Camelier.

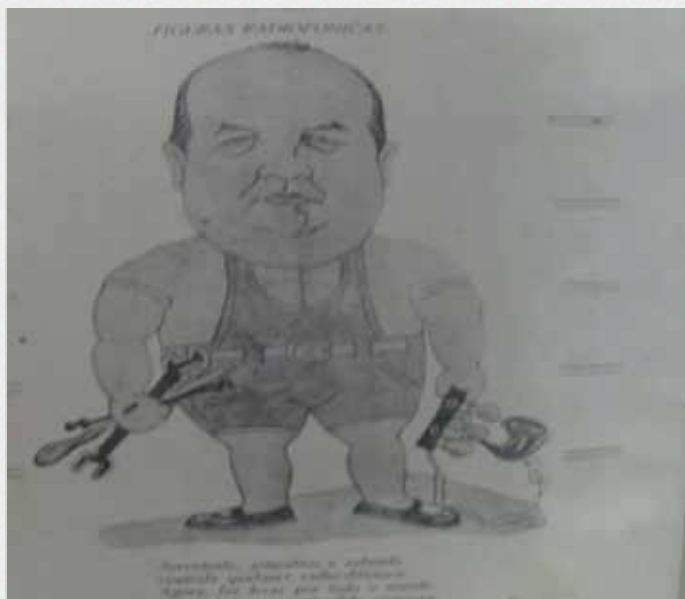


FIGURA 1 - FIGURAS RADIOFÔNICAS: Charge de Roberto Camelier

Charge estampada na seção de rádio da Revista *Pará Ilustrado*, intitulada Ondas Sonoras, dirigida e escrita pelo músico e cronista Gentil Puget. Acompanhava e comentava de perto, o movimento e as experiências do da Rádio Clube do Pará. Essa imagem foi publicada no número da revista de 08 de abril de 1939, página 18.

Acervo: Biblioteca da Academia Paraense de Letras

Alguns cronistas chegavam mesmo a afirmar, parafraseando o poeta Luís de Camões, tratar-se de “o saber

da experiência feito”⁴, associando suas experimentações técnicas e o seu fazer no trabalho das radiocomunicações com imagens evocadas do passado da humanidade, seja comparando suas qualidades de técnico e estudioso “com a paciência e a tenacidade de um alquimista da Idade Média (que) vive enclausurado em sua oficina, aperfeiçoando a cada hora a radio-difusão em nossa terra”⁵. Tal assertiva comparativa entre Roberto Camelier e um alquimista medieval que vive enclausurado em “sua oficina” também pode ser observado pela imagem da charge onde podemos notar as ferramentas típicas de uma oficina em sua mão direita e na outra, um telefone para entrar em contato com os demais companheiros da emissora ou ainda, ouvir as queixas dos ouvintes sobre qualidade do som, chiados, problemas de transmissão e recepção e potência da antena, etc... Ao evocarem adjetivações como “tenaz, dedicado, obcecado”, cronistas da grande imprensa da capital constelavam a imagem de Roberto Camelier para dar sentido de ênfase, comparação e ilustração, com a de outros personagens da história da ciência e da técnica no mundo ocidental: “àquele homem gordo e bom (Roberto Camelier), cuja tenacidade para montar a nossa Rádio Emissora lembra a de *Palissy* atirando ao fogo até os próprios móveis para obter a porcelana”⁶.

Os cronistas do período, ao procurarem colar de certa forma, a imagem do principal fundador do rádio paraense com a de expoentes da ciência moderna, buscaram construir uma narrativa simbólica que pudesse oferecer ou reforçar uma inteligibilidade ou legitimidade social sobre a trajetória e o significado de Roberto Camelier para o rádio, de maneira imediata e, para a cidade de Belém, no conjunto dos seus moradores que eram ouvintes de rádio no final dos anos 30. Do alquimista medieval ao gênio do Renascimento francês, as alusões propostas e as imagens evocadas e consteladas formam essa narrativa: como *Palissy* era obstinado na sua “ciência”, na sua técnica, portando uma tenacidade que o levaria ao desprendimento e ao

4 Na página publicada pela *Pará Ilustrado* com o título “o dia de PRC-5” no dia 19 de abril de 1941.

5 Esse texto de autoria do cronista Ruben Gill foi publicado pela *Pará Ilustrado* no dia 22 de fevereiro de 1941, propondo-se informar os leitores da seção de rádio “Ondas Sonoras”, sobre o contrato assinado entre Roberto Camelier, diretor técnico da Rádio Clube do Pará, e a Sociedade Técnica Paulista para a aquisição de “modernos e importantes aparelhos”, no intuito de montar a sua estação de ondas intermediárias.

6 A seção de rádio da revista *Pará Ilustrado*, assinada durante o ano de 1939, pelo músico e estudioso do folclore, Gentil Puget, alavancou imagens (religiosas e científicas) para construir uma narrativa sobre o significado de Roberto Camelier para o rádio paraense. O texto foi publicado no dia 07 de janeiro de 1939, por ocasião da futura inauguração “de sua nova estação e sumptuosos estúdios”.

3 *A Folha do Norte*, Belém, “A Oficina Camelier”, 01 de janeiro de 1927, p. 18.

sacrifício. Essas imagens aparecem definidas nos discursos desses cronistas, no entanto, principalmente na referência a Palissy, é possível perscrutar outra imagem associativa ao comparar, grosso modo, as trajetórias do renascentista e do advogado paraense. Ambos eram tidos em suas épocas como uma mescla de intelectual e artesão, notabilizando-se pelo conhecimento do “saber da experiência feito”, sendo considerados por contemporâneos como autodidatas na técnica que se dedicaram.

Entretanto, nem tudo estava resumido em seu conhecimento prático e técnico sobre eletrônica e radiofonia. A sua formação e capacitação intelectual, as experiências e os conhecimentos adquiridos em terras européias, o que lia e escutava, não apenas sobre o Direito, mas sobre tudo o que agitava a curiosidade e despertava o interesse sobre tecnologia, transmissão e eletricidade, portanto o seu *hobby*, era motivo de sua particular atenção. Assim, décadas mais tarde, essa sua trajetória no velho mundo ainda era salientada pela imprensa de Belém do Pará quando, por exemplo, o colunista da revista *Pará Ilustrado*, o poeta Wladimir Emanuel escreveu no dia 22 de fevereiro de 1941 que Roberto Camelier era homem “culto, viajado, tendo recebido fina e esmerada educação nos grandes centros da civilização européia. Ele é um espírito interessante e curioso de psicólogo e de observador...”. O colunista social Wladimir Emanuel integrava os círculos de amigos de Roberto Camelier e Edgar Proença assumindo, portanto, alguma “autoridade” para informar sobre a pessoa e a trajetória do principal fundador do rádio paraense. O poeta trajado de colunista chamou a atenção para a formação intelectual de Roberto Camelier na Europa, destacando sua capacidade intelectual de “observador” e buscar o entendimento dos fenômenos (a característica destacada foi a da curiosidade intelectual).

Essa sua curiosidade intelectual parece ter encontrado fertilidade ao se defrontar com uma história mais longa em solos europeus e norte-americanos sobre a tecnologia de radiocomunicações em voga e que alimentava a imaginação do jovem advogado. Arthur Burrows, jornalista, radioamador e um dos primeiros funcionários da *British Broadcasting Company* relembra alguns aspectos da trajetória do rádio na Inglaterra como as inovações tecnológicas e de programação (BURROWS, 1924). Essas inovações viravam informações que circulavam entre vários radioamadores em diversos países do mundo. Assim, mesmo as experiências e os desenvolvimentos tecnológicos da Companhia de Guglielmo Marconi, a *Wireless Telegraph and Signal Company*, com a transmissão sem fio de mensagens a longas distâncias ou irradiando

concertos de meia hora através de sua estação de *Writtle*, na Inglaterra, de modo pioneiro e experimental, não cegavam a ser novidades a radioamadores curiosos como Roberto Camelier. Para isso, uma contribuição importante ocorria com a organização de um jornal interno da Companhia, o *Wireless Age*, depois chamado de *Marconigraph*, que teve uma razoável circulação entre ouvintes e radioamadores, principalmente nos Estados Unidos (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 156-60) . Essas informações chegavam aos radioamadores brasileiros e, entre eles, a Roberto Camelier.

Ademais, parece claro que a circulação dessas informações técnicas sobre o que se chamava de radiotelegrafia e radiotelefonia em terras tupiniquins era resultado de processos diversos e contemporâneos de transformações sociais e tecnológicas que se realizavam no mundo, pelo menos, alguns decênios de anos. Esse rádio, ainda mudo, pois se tratava de telegrafia sem fios e era utilizado para transmitir mensagens em código Morse semelhante ao serviço telegráfico convencional, foi investido de funções imperialistas e militares, principalmente em países europeus como a Inglaterra e a França, até, grosso modo, o final da Primeira Guerra Mundial.

Passados os tempos de beligerância, a Europa recolhia cacos e enterrava mortos: era um tempo de sofrida reconstrução, de muitas incertezas e desafios, crises econômicas e uma burguesia, principalmente em seus setores intelectuais, debilitada e desconfiada quanto ao amanhã, ao futuro. As portas mais próximas desse futuro seriam abertas com os impetuosos anos 20.

A despeito desse panorama, sobretudo europeu, que Eric Hobsbawm chamou de Era da Catástrofe (1995), entre os dois conflitos mundiais, surgem as primeiras estações em solo europeu e teve início as primeiras transmissões regulares (ALBERT; TUDESQ, p. 39) . As transformações sugerem mudanças terminológicas que apontavam para as palavras “radiotelegrafia” e “radiotelefonia” como algo do passado. Os desenvolvimentos tecnológicos na transmissão da fala e de sons na forma de músicas representaram um passo decisivo para que não se considerassem mais os sufixos, até então empregados, e a palavra “rádio” adquiria um significado novo e uma autonomia própria. Diante disso, o rádio realmente nasceu quando passou a transmitir e foi associado à voz e aos sons, configurando um fenômeno histórico característico dos anos 20.

Em muitos países europeus, as primeiras estações de rádio nasceram como resultado ou, pelo menos, envolvidas com os produtores de material radioelétrico. “A fundação das primeiras estações emissoras de rádio, muitas vezes, foi a obra de produtores de material radioelétrico”,

como lembram Pierre Albert e Andre-Jean Tudesq ao se remeterem sobre as primeiras estações e os primeiros programas principalmente de estações européias e norte-americanas. Ainda segundo os autores, essa participação dos produtores na fundação das primeiras estações de rádio pode ser explicada pelo interesse de “divulgar suas experiências e popularizar suas técnicas difundindo concertos ou notícias” (1982, p. 22).

Esse fenômeno pôde ser observado nos Estados Unidos, porém em intensidade e abrangência diferenciada em relação aos europeus: a pujança econômica do mercado norte-americano, nos faustos da década de 20, pressionou a fabricação de material de rádio, estimulando o primeiro “Boom” de estações emissoras em território americano, como assinalaram Albert e Tudesq que “a formação das estações de broadcasting (451 em 1922)” nos Estados Unidos, “provocou um *radio boom*.” (1982, p.23). Não demorou a que as estações unissem-se e formassem gigantescas redes transmissoras de rádio como a NBC e a MBS⁷, aquilatando quase todo o público norte-americano ouvinte de rádio, sendo elas “patrocinadas por empresas capitalistas” do setor de material radioelétrico. Asa Briggs e Peter Burke reforçaram esse perfil do rádio em território americano, ao lembrarem a importante mudança verificada quando “o número de empreendimentos individuais de radiodifusão cairia e finalmente surgiriam redes poderosas, a primeira delas sendo a NBC, a National Broadcasting Company” (2006, p.163).

O rádio americano não demorou a ser considerado um modelo de radiodifusão, principalmente a partir dos anos 30, em outras regiões do mundo: a prioridade do conteúdo de programação era o entretenimento, secundado pelo noticiário informativo e pelas “emissões políticas” (ALBERT; TUDESQ, p.25). A manutenção financeira das estações e redes norte-americanas advinha da propaganda que “costumava auferir a audiência dos programas patrocinados e tirá-los do ar caso não atraíssem número suficiente de ouvintes” (BRIGGS; BURKE, p.164). A historiadora Lia Calabre também fez referência ao modelo de rádio norte-americano como um paradigma para outros sistemas de rádio no mundo, afirmando que, diferentemente do modelo europeu, o rádio nos Estados Unidos foi “estritamente comercial e para o qual o sistema

norte-americano serve de paradigma, era formado por um conjunto de emissoras montadas sobre uma estrutura predominantemente comercial, voltadas para os interesses do mercado e financiadas pela verba da venda de publicidade” (2003, p.2). Em síntese, era um modelo de rádio comercial e de entretenimento que sofria pouca ou nenhuma intervenção ou ingerência governamental, sobretudo, na administração e organização das emissoras.

Atravessando o Atlântico e de volta ao velho mundo, os europeus seguiram o seu próprio caminho ao constituírem um modelo de rádio cultural e “iluminista”, objetivando o serviço público e sustentando-se sem a propaganda, através da cobrança de taxas de licenças: era a BBC dos insulares e sequiosos britânicos com um “monopólio independente”, procurando cumprir a tarefa de comunicar a ilha com o restante do continente europeu e com o mundo. Segundo Laurindo Leal, ao escrever sobre as *VOZES DE LONDRES: memórias brasileiras da BBC* (2008), essa comunicação, anos mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial adquiriu um novo significado através do seu uso estratégico na política de guerra contra os alemães e italianos: era a guerra pelas ondas, transmitindo programas da BBC em território alemão e italiano a partir de suas línguas nacionais. Na América do Sul, principalmente no Brasil, devido à instalação de colônias alemãs e italianas, aumentou a preocupação de representantes da BBC nos Estados Unidos em organizar programas radiofônicos em língua portuguesa e espanhola. Antônio Callado e Samuel Wainer foram alguns dos que emprestaram a sua voz e participaram da que passou a ser chamada de BBC Brasil.

Outros países adotaram “sistemas híbridos”, como foi o caso da rádio em França, convivendo de maneira conflituosa as emissoras públicas com as privadas (ALBERT; TUDESQ, p. 151-57). Conflitos similares aconteceram em torno do broadcasting no Canadá, envolvendo os pioneiros do rádio, as empresas privadas e o próprio governo. A primeira luta foi encampada pelos pioneiros do rádio envolvendo a questão da publicidade, e, inicialmente, as emissoras privadas ganharam: a propaganda comercial prevaleceu, tornando o rádio uma indústria extremamente lucrativa, destoando dos objetivos científicos e culturais almejados no início da radiodifusão. Mas a maior batalha dos primeiros anos foi, segundo Knowlton Nash, analisado em *Swashbucklers: The Story of Broadcasters Battling Canadá*, entre empresas de radiodifusão privadas e aqueles que fizeram lobby contra os novos aventureiros ligados as atividades comerciais: as ondas devem ser usadas para vender as coisas e entreter, ou para enriquecer e educar

7 A NBC (*National Broadcasting Company*) foi fundada em 1926 pela *General Electric Westinghouse*, chegando a constituir, oito anos depois, 127 estações de rádio afiliadas. Por outro lado, a MBS (*Mutual Broadcasting System*) foi organizada por agências de publicidade que patrocinavam as estações de cidades como Nova York e Chicago, a partir do ano de 1934.

os canadenses? Ainda de acordo com Nash, a luta havia consumido ambos os lados, durante anos, mesmo após o estabelecimento da rádio pública nacional em 1936: a CBC ou *Canadian Broadcasting Corporation*⁸ (2001).

Algumas dessas tramas históricas, envoltas no e pelo rádio no mundo, fomentavam leituras e discussões entre os homens que seriam os “primórdios” do rádio brasileiro e amazônico nos anos 20. O modelo de rádio adotado seria o público ou o privado? O educativo e intelectual ou de entretenimento? Admitindo ou negando a propaganda no novo meio de comunicação? A historiadora Lia Calabre ao discutir como se configurou o setor radiofônico no Brasil dos anos 20 até o final do Estado Novo e as suas relações que estabeleceu com o Estado, nos apresenta um pouco desse cenário inicial da radiodifusão e suas conexões com a expansão radiofônica internacional:

No Brasil, as inovações internacionais foram acompanhadas de perto. A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a primeira emissora de rádio brasileira, criada por Roquette Pinto e Henrique Morize, iniciou suas transmissões oficialmente em 1923. A emissora de Roquette Pinto tinha finalidades estritamente culturais e educativas, seguindo os moldes das emissoras européias. Naquele momento, a radiodifusão era ainda um investimento muito caro, e o único país a possuir um grande número de emissoras e de aparelhos receptores de rádio eram os Estados Unidos. A indústria norte-americana de aparelhos de rádio cresceu de forma extraordinariamente rápida. Tanto na América quanto na Europa, eram intensas as discussões sobre o papel social do novo meio de comunicação de massa. Uma das grandes questões em debate era a do caráter dos conteúdos transmitidos: se eles deveriam ser educativos, informativos ou de simples diversão (2003, p.1).

As respostas dadas e decididas pelos pioneiros do rádio em terras tupiniquins foram resultado das vicissitudes e conexões com a realidade institucional e social da época no país. Primeiramente, tiveram de conviver com uma legislação sobre o setor através do decreto nº 16.657, de novembro de 1924, aprovado durante o governo de Arthur Bernardes com a denominação de *Regulamento dos serviços civis de radiotelegrafia e radiotelephonia*. Por sua vez, as emissoras de rádio que funcionavam como radiodifusão (*broadcasting*) foram classificadas como de tipo experimental por esse mesmo decreto. Outro sentido dessa

legislação foi a não constituição de um sistema de rádio estatal, semelhante ao que predominava na Europa, em vez disso, o seu funcionamento foi entregue à iniciativa privada na forma de concessões do governo. Em contrapartida, a atenção do Estado era voltada para o controle do conteúdo e o “caráter daquilo que era transmitido”. Para o governo, assim exposto no decreto, o conteúdo das emissoras deveria ser “de fins educativos, científicos, artísticos e de benefício público”, irradiado em língua portuguesa e proibido de propagar “notícias internas de caráter político” sem a prévia permissão do governo. Desse modo, por esse decreto, o rádio brasileiro da década de 20 era pensado e definido como tecnicamente experimental, administrativamente sendo privado e amador e o perfil de sua programação ou conteúdo como cultural e um caráter educativo. Assim, podemos, grosso modo, afirmar que no primeiro decênio do rádio brasileiro, tivemos uma aclimação com variações próprias do modelo europeu, principalmente no conteúdo e caráter das transmissões, passando nas décadas de 30 e, principalmente 40, a predominar o tipo ou modelo comercial e de entretenimento de rádio, semelhante ao que faziam os norte-americanos, com o uso da publicidade e uma programação mais diversificada, inclusive se direcionando para o entretenimento da “audiência” dos ouvintes.

Nesse contexto, surgem as primeiras estações radiofônicas no lado de baixo do Equador, primeiro na Argentina, em 1920 e, em seguida, no Brasil, (HAUSSEN, 2001, p. 23-7) esboçando as primeiras fronteiras sonoras do rádio no Sudeste brasileiro, sobretudo em terras cariocas, com a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro pelos educadores Roquette Pinto e Henrique Morize, além da Sociedade Rádio Educadora Paulista, no estado vizinho, durante o ano de 1923, fundada por vários engenheiros, como o engenheiro electricista Edgar Souza, alto funcionário da Light (TOTA, 1990, p. 27) sendo a carioca no primeiro e a paulista no segundo semestre. Segundo Fernando Limongeli Gurgueira, após a primeira aparição pública e oficial do rádio no Brasil, por ocasião da Exposição Nacional comemorativa do Centenário da Independência, em 1922, através da instalação de uma emissora de 500 watts por uma das empresas participantes, a *Westinghouse Internacional Company* e com o sucesso e admiração que provocou no público, na imprensa e nas autoridades, foi, então, comprado “pelo governo brasileiro... duas emissoras de 500 watts da Western Electric Co., que a radiodifusão

8 Cf. Outro estudo sobre a organização do setor privado da radiodifusão no Canadá foi realizado por Thomas James Allard em: ALLARD, Thomas James. Straight up : private broadcasting in Canada, 1918-1958. Ottawa : Canadian Communications Foundation, 1979.

9 Coleção de leis do Brasil, vol. III, 1924, p. 359. Apud CALABRE, Lia. 2003/1, p.2

instalou-se de forma definitiva no país”. Embora, tenham sido “adquiridas para o telégrafo nacional”, uma delas, a instalada na Praia Vermelha, serviu de experiências para a futura Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, considerada a primeira emissora de rádio do país (2009, p.61-4).

Em São Paulo, alguns trabalhos estiveram atentos ao nascimento, organização e, principalmente, ao papel do rádio na sociedade e as suas relações com o espaço urbano da capital paulista. Percorrendo esse trajeto, o historiador Antônio Pedro Tota procurou desvendar a relação rádio/modernidade no espaço da cidade de São Paulo, tentando costurar uma história do cotidiano onde aparecem as primeiras emissoras de rádio, seus programas, seus envolvimento políticos e sociais com a vida da cidade nos anos 20 e 30. Para Tota, a formação da Rádio Educadora Paulista em novembro de 1923, só pode ser compreendida como sendo “parte do processo de modernização” pela qual a cidade passava, a partir do final do século XIX e início do XX. Por sua vez, outro trabalho importante foi o estudo de José Vinci de Moraes chamado *Metrópole em Sinfonia* que, à semelhança do trabalho de Antônio Pedro Tota, também relacionou a radiofonia paulista com as transformações sociais e culturais do espaço urbano, principalmente as ligadas ao setor de entretenimento e cultura como cafés, teatros e cinemas, porém, diferencia-se ao evocar a música popular como o centro de sua análise, investigando para isso, o contexto de organização e desenvolvimento das rádios em São Paulo (MORAES, 2000).

Subindo o mapa da “pátria”, encontramos um grupo de jovens recifenses fazendo experiências com telegrafia sem fios e realizando emissões radiofônicas desde os idos 1919. Destas práticas à fundação de uma emissora de rádio no Nordeste brasileiro levaria o transito, o intervalo de alguns poucos anos: aparecia a Rádio Clube de Pernambuco. Para alguns estudiosos, memorialistas e homens que trabalharam no rádio da primeira metade do século XX, a primazia do começo da radiodifusão em terras brasileiras teria como marco a fundação da sociedade de rádio “Rádio Clube de Pernambuco”, em 1919, na cidade de Recife. Renato Phaelante é um dos que defendem essa tese no seu trabalho *Fragments da história do Rádio Clube de Pernambuco*, advogando o pioneirismo nacional da emissora pernambucana (1998). Em outra direção, autores como Fernando Limongeli Gurgueira entendem que embora a “Rádio Clube do Recife... tenha sido fundada em 6 de abril de 1919, teria condições apenas para fazer radiotelegrafia e somente em outubro de 1923 foi reorganizada para a radiodifusão.” (2009, p.63)

Portanto, foram dessas práticas e primeiras

experiências com radiodifusão em território tupiniquim que resultou, por sua vez, no surgimento das primeiras estações emissoras de rádio, foi possível abstrair não apenas o *background* teórico, mas, acima de tudo, o prático e experimental. Essas primeiras estações emissoras brasileiras da primeira metade da década de 20 foram importantes porque constituíam um modelo mais próximo, em terras brasileiras, do que apenas se ouvia e sabia de longe, do continente europeu e dos Estados Unidos. Ilustrando esse movimento importante, Edyr Proença evocava em suas memórias as imagens de nascimento do rádio na Amazônia, assinalando que um dado histórico importante existiu para esse advento e trajetória: a fundação de outras “Rádio Clube” no Brasil, antes de 1928, serviu de inspiração para “fundar a do Pará”.

Aliás, o que parece é que foi ontem que tudo começou, seguindo a linha de entusiasmo de Roquette Pinto, que fundara no Rio a sua emissora, sendo seu gesto imitado em Ribeirão Preto e, depois, pelos irmãos Moreira Pinto, em Pernambuco. Eram as Rádio Clube que inspiraram a um grupo liderado por Edgar Proença, Roberto Camelier e Eriberto Pio dos Santos a fundar a do Pará, a primeira em todo o norte com o prefixo PRAE, a voz do Pará¹⁰.

As principais imagens evocadas nessa narrativa centralizam sua força comunicativa em duas palavras, melhor dizendo, dois verbos: “imitado” e “inspiraram”, assim, torna-se não menos importante problematizar as imagens comunicativas de “inspiração” e “imitação”. Parece plausível que no recontar da história da mídia sonora no Brasil, aquilo que Edyr referiu-se como inspiração ou imitação, na verdade, foi um modelo de radiodifusão adotado e posto em prática pelo intelectual Roquette Pinto que, por sua vez, dialogava com a radiodifusão realizada na Europa. Esse modelo de radiodifusão era o educativo e voltado para a “elevação do nível material e moral do povo brasileiro” (GURGUEIRA, 2009, 65). Ainda na década de 1920, permanecia o debate sobre o atraso brasileiro em relação às outras nações do mundo, herança das explicações racistas que apontavam a miscigenação como fator de atraso sociocultural do povo brasileiro. Para Roquette Pinto, “os problemas do povo brasileiro não estavam relacionados com os elementos raciais que haviam entrado em sua composição”, em vez disso, relacionava-

10 Cf. Depoimento de Edir Proença, filho de um dos fundadores do rádio paraense, Edgar de Campos Proença, em 1988, para a TV Cultura do Pará.

os com “a educação e com o nível socioeconômico da população do país.” Portanto, segundo Gurgueira, foi dentro desse contexto que o rádio apareceu sendo utilizado para materializar o ideário de educar e “civilizar” o povo, em sua maioria, analfabetos e, dessa maneira, assumir o importante papel de promover o “progresso da nação” (2009, p.67-8). Nas palavras do próprio Roquette-Pinto, era afirmado sobre o rádio que “o T.S.F... espalha a cultura, as informações, o ensino prático elementar, o civismo, abre campo ao progresso, preparando os tabaréus, despertando em cada qual o desejo de aprender” (ROQUETTE-PINTO, 1927, p. 235-6. Apud GURGUEIRA, 2009, p.72)

Como foi dito anteriormente, houve um diálogo desse modelo de radiodifusão educativo e “civilizatório” sonhado e defendido por Roquette-Pinto com a radiodifusão posta em prática em alguns países da Europa. A respeito disso, a historiadora Lia Calabre lembrou sobre como “ao fundarem a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, eles pretendiam criar uma emissora de rádio com finalidades estritamente culturais e educativas, nos moldes das que estavam surgindo em alguns países europeus.” (2002, p. 41). Esse modelo de radiodifusão “moldou” as demais emissoras que surgiram no Brasil durante a década de 1920, mesmo porque, ainda não havia condições estruturais e financeiras para se viabilizar uma radiodifusão comercial, com uso da publicidade e voltada para o gosto médio de um público, desejoso de entretenimento. A Rádio Clube do Pará e boa parte das outras 14 emissoras existentes no país até 1930 (2002, 42), tinham, portanto, “inspiração” na radiodifusão realizada e promovida pelo intelectual Roquette-Pinto.

Nessa história ou seria, melhor dizendo, proto-história do rádio na Amazônia, a trajetória de Roberto Camelier com suas filiações e matizes culturais, conhecimentos e diálogos com experiências e ideários múltiplos, do regional ao mundial, enfeixou uma síntese: desde os momentos iniciais e decisivos de pôr em funcionamento o posto transmissor da Rádio Clube do Pará, em 1929, até a paulatina e tensa organização e estruturação da emissora na década seguinte, sua imagem evocava ideário e ação, pensamento e atitude, “ideologia” e “prática”. O famoso barítono paraense Ulisses Nobre¹¹

11 Ulisses Euclides do Couto Nobre foi barítono e cronista musical, dedicando-se à música de ópera e ao ensino de canto. Sua principal referência musical foi o maestro Carlos Gomes e, junto com a sua irmã Helena, se notabilizaram na sociedade e cultura musical da época (primeiras décadas do século XX) como os *Irmãos Nobre*. Foi cronista, atuando em várias gazetas da capital paraense como, por exemplo, as que ele escreveu com o título *Reminiscências, publicadas na Folha do*

escreveu no jornal *A Crítica*, em janeiro de 1933, assinando o artigo com o título “Rádio Clube do Pará e seu progresso” onde de forma sugestiva mesclava as existências da criação e da criatura, da emissora e do seu principal fundador quando lembra que “o Rádio Clube é sinônimo do nome acatado de Camelier. Não se compreende a existência de um sem a ingerência do outro”¹². Essa fulcral dependência pode ser explicada, em parte, porque desde a fundação da emissora até o seu processo de estruturação, era Camelier que fazia a rádio funcionar. Como futuro diretor técnico da emissora, seu papel e sua importância podem ser metaforizados em duas imagens do corpo: o “coração” e o “cérebro” ou, dito de outra maneira, a “vitalidade” e a “consciência”. Mais uma vez, o afamado músico Ulisses Nobre ilustrou a situação ao dizer que “Roberto Camelier, vive pelo Rádio Clube e o Rádio vive por ele”¹³, ou ainda, quando cedeu pistas sobre como o papel de Camelier extrapolava o aspecto meramente técnico, constituindo-se numa referência de pensamento, conduta e “ideologia” dentro da emissora, sabendo “criar, tornar realidade o que pensa”, Camelier passa a ser representado e desenhado como detentor de um “espírito forte, culto superior em idéias, espírito ideológico”, por vários periódicos que acompanhavam o ambiente radiofônico na cidade de Belém do Pará¹⁴. Logo, talvez esse mesmo “espírito ideológico” de Roberto Camelier nos explique um pouco sobre a sua liderança no grupo de fundadores da Rádio Clube do Pará e qual exatamente o papel que desempenhou para o surgimento do rádio na Amazônia.

O ponta pé inicial pode ser dado ao dizer como Roberto Camelier desfrutava de uma capacidade de atração e mobilização de pessoas em torno de sua pessoa¹⁵. Ele congregava indivíduos com talentos ou interesses e objetivos comuns em torno de um projeto. Assim, é desse modo que o advogado radioamador passou a reunir outros

Norte. Faleceu em 1953, vítima da hanseníase. A respeito do músico paraense, conferir o livro de Vicente Salles, *Música e músicos do Pará*, Conselho Estadual de Cultura, Belém-Pará, 1970, pp. 213-214.

12 *A Crítica*, Belém, sexta-feira, 27 de janeiro de 1933, p.2, pertence à Coleção Vicente Salles que se encontra no museu da UFPA.

13 *Ibidem*, op. cit.

14 *Diário do Estado*, Belém, 26 de junho de 1933, suplemento com o título “Rádio Clube do Pará”, da Coleção Vicente Salles sobre rádio e televisão que se encontra no museu da Universidade Federal do Pará.

15 *Idem*, *ibidem*. Discorrendo sobre as qualidades e atuação de Roberto Camelier a frente da emissora paraense, nos seus anos iniciais, Ulisses Nobre diz reconhecer que “o dr. Roberto Camelier soube atrair para a atual diretoria, elementos dispostos a ajudá-lo como técnico que antevê tudo”. O barítono procurou certa “isenção” em seu comentário, ao lembrar que no início possuía um “indiferentismo” em relação à “radiotelegrafia”.

nomes em torno do projeto de criar a primeira emissora de rádio do Brasil setentrional, a primeira estação de radiodifusão da Amazônia. Um dos integrantes do grupo, fundador da rádio e amigo de Camelier, Edgar Proença, assim se expressou sobre o assunto em uma entrevista dada ao jornalista Edgar Freitas e publicada na revista *Pará Ilustrado* de agosto de 1941:

A história do Rádio Clube do Pará não é fácil de contar. Um grupo bem reduzido de entusiastas, a quem com propriedade se chamaria de ‘malucos’, entendeu de lutar e acabou vencendo. A princípio ninguém acreditava em ‘santos de casa’. Houve, realmente, horas incertas, desânimos, decepções, despeitos e derrotismos. Mas nunca faltou comandante. E esse, desde os primeiros dias de PRC-5 até hoje, é Roberto Camelier a quem eu chamo de generalíssimo da radiofonia paraense¹⁶.

Entre esses entusiastas ou “malucos” estava um paraense cuja trajetória confundia-se com o desenvolvimento das comunicações no norte do país, desde as primeiras décadas da República, atuando tanto em comunicações terrestres como telegráficas: a investigação e a análise direcionam-se para outro nome de importância da geração de fundadores do rádio na Amazônia: o estafeta e, depois, telegrafista Eriberto Pio dos Santos.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Pierre; TUDESQ, Andre-Jean. **Historia de La Radio y la Television**. Fondo de Cultura Económica, México, 1ª Edição em espanhol, 1982.

ALLARD, Thomas James. **Straight up : private broadcasting in Canada**. 1918-1958. Ottawa : Canadian Communications Foundation, 1979.

BURROWS, Arthur Richard. **The history of broadcasting**. London: Cassell and Co., 1924.

BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia: de Gutemberg à Internet**. 2.ed. ver. e amp. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

AZEVEDO, Lia Calabre de. **No tempo do rádio: radiodifusão e cotidiano no Brasil**. 1923-1960. Niterói,

UFF, 2002, p. 41. Tese de Doutorado em história.

AZEVEDO, Lia Calabre de. **Políticas públicas culturais de 1924 a 1945: o rádio em destaque**. Revista Estudos Históricos, Mídia, n. 31, 2003/1.

CÂMARA, Renato Phaelante da. **Fragments da história do Rádio Clube de Pernambuco**. Recife: CEPE, 2ª edição, 1998.

GURGUEIRA, Fernando Limongeli. **Integração Nacional pelas ondas: o rádio no Estado Novo**. São Paulo: Editora HUCITEC, 2009.

HAUSSEN, Dóris Fagundes. **Rádio e Política: tempos de Vargas e Perón**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2ª edição, 2001

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**. O breve século XX: 1914 – 1991. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

LEAL, Laurindo. **Vozes de Londres: memórias brasileiras da BBC**. São Paulo: EDUSP, 2008.

MORAES, José Vinci de. **Metrópole em sinfonia: história, cultura e música popular na São Paulo dos anos 30**, 1ª Ed. SP. Estação Liberdade. 2000.

NASH, Knowlton. **Swashbucklers: The Story of Broadcasters Battling Canadá**. Toronto: M&S, 2001.

SALLES, Vicente. **Música e músicos do Pará**, Conselho Estadual de Cultura, Belém-Pará, 1970.

¹⁶ Tratou-se de uma entrevista feita por Edgar Freitas para o “Cine-Rádio Jornal” do Rio de Janeiro, a pedido do radialista Celestino Silveira, com Edgar Proença, alcunhada pelo entrevistador como “o garimpeiro do rádio no extremo norte”. Entrevista, publicada pela *Pará Ilustrado* na sua seção de rádio “Ondas Sonoras” do dia 9 de agosto de 1941.